

APONTAMENTOS SOBRE AS VÁRIAS DIMENSÕES A SEREM CONSIDERADAS NA AVALIAÇÃO DE UM PROJETO GRÁFICO-EDITORIAL EM JORNALISMO

Luciano Guimarães

Trata este documento de uma breve exposição dos critérios que adoto para nortear a avaliação de um projeto gráfico-editorial jornalístico (tanto para jornais, quanto para revistas). São alguns dos aspectos mais relevantes tratados nas aulas (principalmente nas aulas expositivas), aqui organizados em cinco dimensões:

1. Dimensão Projetual (Identidade; unidade x variedade)
2. Dimensão Topográfica (estrutura, distribuição, fluxo, proporções)
3. Dimensão Tipográfica (tipos)
4. Dimensão Iconográfica (imagens)
5. Dimensão Cromática (cores)

A observação dessas cinco dimensões deve contribuir para uma reflexão sobre o quanto vocês dominam o conjunto de ações necessárias para a boa realização de um projeto e, quando for o caso, buscar o apoio necessário.

1. Dimensão Projetual

Esta dimensão do projeto diz respeito a como o projeto, de forma geral, atende ao que é determinado pelo projeto editorial. Ou seja, é nesta dimensão que a proposta se desdobra em princípios gráficos e princípios editoriais de forma a um corresponder ao outro. Na dimensão projetual, procura-se definir os princípios de identidade (aquilo que faz com que o projeto tenha determinada personalidade) e uma relação entre unidade e variedade no todo, nas partes (unidades) e nos conjuntos de informações.

2. Dimensão Topográfica

Esta dimensão do projeto diz respeito ao aspecto estrutural do projeto, ou seja, como as diversas informações (textos e imagens) estão estruturadas. Portanto, considera-se, principalmente, a ocupação espacial das diversas informações tanto no conjunto de páginas quanto na unidade de cada página ou duplas de páginas.

Estrutura, proporções, hierarquia, distribuição e fluxos são palavras-chave para se pensar na dimensão topográfica: estrutura como a base sobre a qual desenham-se as diversas relações espaciais dos elementos (tem muito a ver com o diagrama adotado e seu

uso); proporções como a relação direta entre o tamanho ocupado por cada informação e sua importância e/ou impacto pretendido; hierarquia se estrutura a partir das proporções dadas mas considerando também a relação de importância entre as diversas unidades da página (títulos, textos, destaques, imagens, vinhetas etc.); fluxo é um desdobramento direto da distribuição; ambos termos dizem respeito principalmente à posição de cada informação nas páginas e no conjunto de páginas, considerando seqüencialidade, diacronia e sincronia na percepção e leitura do conteúdo verbal e visual: uma boa distribuição dos elementos nas páginas gera um bom fluxo de “leitura” de textos e imagens).

3. Dimensão Tipográfica

Esta dimensão do projeto diz respeito à tipografia (desenho dos textos e das fontes). Vários aspectos da tipografia devem ser considerados: visibilidade, legibilidade e leiturabilidade; fluxo de texto; identidade; variedade e unidade; pesos e hierarquias; vibração/entonação/voz; precisão (alinhamentos, hifenização) e relacionamento da tipografia com imagens.

Embora *visibilidade* seja um conceito mais apropriado para avaliar a tipografia em objetos que serão vistos à distância, no design de jornais e revistas esse conceito serve para definir a capacidade de tornar visível cada unidade de texto em relação aos demais (destacando texto, texto das matérias, legendas, destaques/olhos etc.). No caso de capas dessas publicações, o conceito de visibilidade pode ser mais próximo da concepção original, pensando-se na exposição em banca e, portanto, na capacidade de logotipo e manchetes serem visíveis a quatro metros de distância, por exemplo.

Legibilidade é apenas uma derivação do conceito de visibilidade que dá ênfase para o potencial de identificação das letras e palavras. Uma fonte pode ter variações (bold, book, light etc.) permitindo graus diferentes de visibilidade e de legibilidade: uma fonte pode ser bem visível na versão extra-bold por exemplo, mas ter comprometido os espaços internos das letras de forma a torná-la pouco legível. Uma fonte pode ser muito legível no corpo de letra 11, por exemplo, mas pouco legível em um corpo 7; uma fonte light pode ser bem legível quando impressa em preto sobre branco e pouco legível em uma aplicação negativa (branco sobre fundo preto) etc.

Leiturabilidade já diz respeito à velocidade de leitura: dependendo da fonte o texto pode ser lido com maior ou menor velocidade. Fontes pouco legíveis têm inevitavelmente índice baixo de leiturabilidade mas, no entanto, nem todas as fontes boas em legibilidade têm bom índice de leiturabilidade.

Legibilidade e leiturabilidade não são questões exclusivas do desenho das fontes: cores utilizadas nas fontes e nos fundos, sobreposição de texto e imagens, entrelinhamento, *tracking* (espaço entre as letras que pode ser ajustado), alinhamento do texto, espaço branco circundante, largura da coluna interferem diretamente na legibilidade e na leiturabilidade. A quantidade de caracteres de um texto também relaciona-se com sua leiturabilidade: determinada fonte pode ter bom índice para um texto pequeno mas ter um índice de leiturabilidade acentuadamente decrescente a partir de certo número de caracteres, sendo inadequado para volumes maiores de texto.

Fluxo de texto diz respeito à condução da leitura e implica em cuidados tanto nos espaços em que os textos serão distribuídos, principalmente quando ocupam mais de uma coluna e/ou quando estão acompanhados de imagens. Avalia-se o fluxo de texto pelo movimento do olhar desejado para perscrutar toda a página. Implicam na comodidade do olhar e na tomada de decisão do leitor (o que ler agora e para onde seguir?). O bom fluxo de texto conduz o leitor e elimina ambigüidades no caminho a ser seguido, independentemente do projeto optar por leitura linear ou sincronizando vários espaços. O conceito de dupla leitura se baseia fundamentalmente nas questões de fluxo: por ele é possível promover uma leitura em primeiro nível a partir de títulos, linha fina, intertítulos, legendas, destaques/olhos etc., permitindo uma visão totalizadora e superficial do conteúdo, seguida da leitura profunda (matéria em si).

Outro aspecto que pode ser interessante para o design das diversas matérias é o uso da tipografia como representação das diversas tonalidades, entonações e volumes de voz na enunciação das informações verbais: o corpo da letra e o uso de caixa baixa ou Caixa ALTA indicando volume (do sussurro ao grito); o itálico para o efeito de aceleração; o negrito para a voz mais grave e o claro para a voz mais aguda; um desenho específico de fontes para uma fala mais suave, outro para uma fala mais agressiva, outro ainda para uma voz mais feminina ou mais masculina etc.

Deve-se redobrar a atenção para o uso da tipografia para “ilustrar”. O uso de fontes da classe fantasia podem levar um projeto a uma concorrência predatória entre letras e imagens, ou ainda criar a sensação de que estamos diante de um catálogo de fontes.

4. Dimensão Iconográfica (imagens)

A dimensão iconográfica se ocupa da qualidade da pesquisa, seleção e aplicação das imagens. Para tanto, deve-se ter em conta que a utilização das imagens em um projeto editorial cumpre um papel bastante relevante não só nos aspectos estéticos do projeto, mas também e sobretudo no valor informacional.

O primeiro aspecto a ser observado é o “volume” da participação da imagem em relação ao volume de texto em todo o projeto; é determinar “o quanto” visual será um projeto. A seguir, deve-se observar ou determinar qual é o valor que será dado para o conjunto das imagens no projeto e, se for o caso, quais funções as imagens desempenharão por editoria, seção e matérias: é preciso precisar a intenção de cada imagem na relação com o projeto e com cada informação, do que se pretende com cada imagem em si e em relação aos outros elementos textuais (como a imagem se relacionará com os títulos, com as legendas, com as matérias). Enfim, é preciso determinar qual é a participação de cada imagem na composição da informação da qual ela faz parte e que valores ela pode incorporar. Para tanto, pode-se apoiar nos esquemas tratados em aulas anteriores (sobre relação texto-imagem).

Outro ponto a ser avaliado na utilização das imagens em um projeto é a adequação do tipo de imagem a cada informação a ser composta: de todos os tipos de imagem, escolher a que teria mais competência para cumprir o papel desejado: fotografia, fotomontagem, ilustração, gráfico, mapa, tabela, infográfico, charge, caricatura etc. E, como

desdobramento desta escolha, deve-se também pensar na especificidade de sua linguagem gráfica (mais ou menos abstrata?, mais ou menos realista?, mais ou menos discursiva/narrativa?, mais ou menos densa/suave?, qual enquadramento?, com mais ou menos ação?, mais ou menos poética?, será mais ou menos simbólica, etc.), e na sua produção (ilustrar ou fazer a direção de arte e encomendar uma ilustração? fotografar, pautar e encomendar uma foto ou recorrer a um banco de imagens ou a arquivos?).

É preciso também não perder a coerência no uso das imagens em todo o projeto: haverá um estilo predominante nessas escolhas?, estará claro para o leitor quando houver a mudança de um estilo de imagem para outro que a mudança é intencional e responde a necessidades de cada informação? Dialogando também com a dimensão topográfica, a imagem pode ser avaliada quanto à adequação do espaço ocupado na página (posição e tamanho) e, quando a visualização da página ou duplas de páginas envolver mais de uma imagem se elas estão bem distribuídas, se há interação entre elas, se não há choque de linguagens, se elas se complementam, se há pesos bem definidos (por exemplo, uma imagem maior acompanhada de duas imagens menores provocam um efeito bastante diferente do que é provocado por três imagens de tamanhos semelhantes).

Quanto à qualidade técnica das imagens, deve-se primeiramente avaliar se o projeto está desenhado para constituir um boneco ou leiaute visando produção futura ou se já é uma produção para publicação (mesmo que on-line): no primeiro caso, investe-se menos na qualidade técnica da imagem, ou seja, há uma certa tolerância por entendermos que se trata de um “projeto”, e a imagem pode assumidamente ser “provisória”, evidentemente cuidando-se para que as imagens não tenham qualidade muito inferior a ponto de prejudicar a aceitação do projeto (como imagens em definição muito baixa, pixelizadas, distorcidas, escuras, desfocadas etc.); no segundo caso, busca-se o melhor ajuste de cores, contraste, nitidez, definição, recorte etc., compatíveis com os recursos gráficos de impressão.

5. Dimensão Cromática (cores)

A dimensão cromática de um projeto abarca todos os elementos gráficos das páginas (tipografia, fundos, fios, vinhetas, gráficos, ilustrações, fotos etc.) e devem ser pensadas nos aspectos informacional, paradigmático, estético e técnico: No aspecto informacional, considera-se que as cores são capazes de conduzir ou induzir comportamentos de leitura, incorporar valores positivos ou negativos às informações, antecipar ou direcionar a compreensão de determinadas informações; no aspecto paradigmático, as cores ajudam a criar a identidade visual da publicação e criando conjuntos ou separando unidades (como seções, cadernos, etc.), como um jogo entre variação e unidade; no aspecto estético, evidentemente busca-se escalas cromáticas que provoquem efeitos visuais compatíveis com o “espírito” da publicação, por meio de expressões de equilíbrio, harmonia, contraste, intensidade etc.

Nos aspectos técnicos, considera-se sobretudo a adequação do projeto cromático ao suporte, zelando pela boa reprodução final (interfere aqui o tipo de papel e o tipo de impressão e até mesmo a visualização na tela). Cuidado especial deve ser dado ao uso de cores em tipografia, pois podem comprometer a legibilidade. Neste caso, convém considerar

que impressoras rotativas para jornal tem mais variação no encaixe de cores (registro) do que impressoras para revistas, prejudicando cores compostas em tipos em corpo pequeno, e que o que é bem visível/legível na tela (em cor-luz) pode se tornar pouco contrastante quando impresso em papel.

* * *

A partir das cinco dimensões dadas, que no conjunto acabam por compor a avaliação informativa, estética e estrutural/relacional de um projeto editorial, podemos também valorizar a iniciativa de empreender inovação ou experimentação. No entanto, o maior valor é certamente os aspectos que evidenciam a intencionalidade nas soluções visuais obtidas em resposta a um projeto, considerando que fazem parte da construção de profissionais capazes de pensar além do texto.